

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN  
FACULDADE DE ENFERMAGEM - FAEN  
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM - DEN  
CURSO GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

EDSON LUIZ ROSAL GONÇALVES SOBRINHO

**REDUÇÃO DE DANOS AOS USUÁRIOS DE DROGAS EM FESTAS *RAVES***

MOSSORÓ – RN

2018

**EDSON LUIZ ROSAL GONÇALVES SOBRINHO**

**REDUÇÃO DE DANOS AOS USUÁRIOS DE DROGAS EM FESTAS RAVES**

Monografia de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de licenciado e bacharel em Enfermagem.

ORIENTADORA: Ma. Magda Fabiana do Amaral Pereira

MOSSORÓ – RN

2018

**EDSON LUIZ ROSAL GONÇALVES SOBRINHO**

**REDUÇÃO DE DANOS AOS USUÁRIOS DE DROGAS EM FESTAS RAVES**

Monografia de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito para à obtenção do título de licenciado e bacharel em Enfermagem.

ORIENTADORA: Ma. Magda Fabiana do Amaral Pereira

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Magda Fabiana do Amaral Pereira – Orientadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carlos Eduardo Martins Torcato – 1<sup>o</sup> examinador  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

---

Prof<sup>o</sup>. Me. Deivson Wendell da Costa Lima – 2<sup>o</sup> examinador  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

R788r Rosal Gonçalves Sobrinho, Edson Luiz  
REDUÇÃO DE DANOS AOS USUÁRIOS DE  
DROGAS EM FESTAS RAVES. / Edson Luiz Rosal  
Gonçalves Sobrinho. - Mossoró- RN, 2018.  
55p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Magda Fabiana do Amaral  
Pereira.

Monografia (Graduação em Enfermagem).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Redução de Danos. 2. Contexto festivo. 3. Raves. 4.  
Drogas. 5. Proibicionismo. I. do Amaral Pereira, Magda  
Fabiana. II. Universidade do Estado do Rio Grande do  
Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

A toda comunidade *trancer* e os Redutores de Danos de todo o Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho se concretiza através de um sonho compartilhado entre todos os participantes do coletivo Noosfera, que dedicam tempo e esforços nas ações em que realizam. Agradeço a cada um dos membros pelo empenho durante os momentos da pesquisa, e apoio nos momentos difíceis que precederam, em especial a Breno e Thais por tomarem para si um pouquinho desse sonho e fazer esse coletivo crescer.

Agradeço também aos nossos irmãos mais velhos: Balanceará e principalmente a CelebraTe, que nos ajudou desde o principio de nossas ações, a Ana por ser sempre solícita nos ajudando de todas as formas, e ao Rob por ter compartilhado materiais importantíssimos para a construção dessa pesquisa.

E é claro, o professor Deivson que acatou o projeto, e dentro de sua brilhante mente planejou e me instruiu durante a construção da pesquisa; minha orientadora Magda por sua ajuda e paciência, além da sabedoria acerca dos percursos metodológicos a se tomar. Sem vocês este trabalho não tomaria forma e ainda estaria apenas em meu plano mental.

## RESUMO

A problemática do uso de drogas em festas *rave* encontra nas políticas de Redução de Danos (RD) as ferramentas e arcabouço necessário às intervenções, pois trata-se de uma estratégia que pensa e desenvolve suas práticas levando em consideração a liberdade de escolha e a singularidade do sujeito, e a partir disso realiza intervenções que promovem a problematização do uso e o autocuidado, através de ações educativas e de assistência aos usuários. O estudo foi realizado em uma das festas na cidade de Mossoró-RN, que investigou por meio da metodologia de pesquisa-ação em colaboração com o coletivo da região, como se dá o planejamento e execução das ações de redução de danos dentro de festas *raves*. A pesquisa descreveu como os diversos momentos do estudo aconteceram, analisando não só os momentos em si, como também os pontos chaves das discussões que ocorreram durante cada um destes. Para analisar os dados obtidos nos momentos, dividiu-se a pesquisa em três dimensões, a ontológica que tratou de discutir o conhecimento norteador das práticas, proporcionando ao coletivo melhor compreensão do fenômeno da RD e seus condicionantes em *raves*; a epistemológica, onde ocorreu o momento de interface entre saberes formais adquiridos e informais do coletivo de modo a planejar as ações; e metodológica analisou como foram executadas e avaliadas as ações, articulando-se assim com as duas dimensões anteriores. Possibilitou desta forma, caminhos para a melhora das ações do coletivo por meio das discussões e avaliações levantadas durante os momentos. Ainda, refletiu e problematizou as questões que envolvem as práticas de Redução de Danos no Brasil, que mesmo com sua efetividade comprovada internacionalmente, por falta de apoio ainda tem suas ações dificultadas.

**Palavras-chave:** Redução de Danos. Contexto festivo. *Raves*. Drogas. Proibicionismo.

## ABSTRACT

The problem of drug use at rave parties finds in the Harm Reduction (HR) policies the tools and framework necessary for interventions, because it is a strategy that thinks and develops its practices taking into account the freedom of choice and the singularity of the subject, and from this, realizes interventions that promote the problematization of the use and the self-care, through educational actions and assistance to the users. The study was carried out in one of the festivals in the city of Mossoró-RN, which investigated through action-research methodology in collaboration with the collective of the region, as the planning and execution of Harm Reduction actions within raves parties. The research described how the various moments of the study took place, analyzing not only the moments themselves but also the key points of the discussions that occurred during each of these. To analyze the data obtained in the moments, the research was divided in three dimensions, the ontological one that tried to discuss the guiding knowledge of the practices, providing to the collective a better understanding of the HR phenomenon and its determinants in raves; the epistemological one, where the moment of interface between formal and informal knowledge of the collective took place in order to plan the actions; and methodological analysis of how actions were performed and evaluated, thus articulating with the two previous dimensions. In this way, it provided ways to improve the actions of the collective through the discussions and evaluations raised during the moments. Also, he reflected and problematized the issues that involve the Harm Reduction practices in Brazil, which, even with its proven international effectiveness, due to the lack of support, still have their actions hampered.

**Key words:** Harm Reduction. Festive context. Raves. Drugs. Prohibitionism.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	<b>14</b>
2.1 TIPO DE ESTUDO.....	14
2.2 CENÁRIO DO ESTUDO.....	15
2.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO .....	15
2.4 PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....	16
2.5 ASPECTOS ÉTICOS .....	19
<b>3. DIMENSÃO ONTOLÓGICA: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NORTEADOR DA AÇÃO</b> .....	<b>20</b>
<b>4. DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA: PLANEJAMENTO DAS AÇÕES DE REDUÇÃO DE DANOS EM FESTAS RAVE</b> .....	<b>25</b>
<b>5. DIMENSÃO METODOLÓGICA: TÁ NA HORA DA FESTA! EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO DAS AÇÕES PLANEJADAS</b> .....	<b>30</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>42</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>45</b>
APEÊNDICE A – Questionário de busca ativa à ser aplicado durante a ação.	45
<b>ANEXO</b> .....	<b>46</b>
ANNEXO A – Estudo de caso traduzido do Manual of Psychedelic Support v 2.0	46

## 1. INTRODUÇÃO

O surgimento da música eletrônica data do início da década de 80 em várias cidades norte-americanas, com os estilos *Techno*, *House* e *Garage* que começaram a ser difundidos em discotecas e clubes fechados. No fim da mesma década, festas com caráter *underground* começaram a se popularizar no Reino Unido e praias da Espanha. Entretanto é só no início dos anos noventa que o movimento *raver* começa a destacar-se por toda Europa, principalmente em países como a Alemanha, Holanda e o Reino Unido, atraindo grandes massas de uma subcultura juvenil que constrói a sua identidade em torno da música eletrônica de dança, da festa noturna (*rave*) e das drogas sintéticas (CALADO, 2006).

Paralelamente a esses eventos europeus, em Goa na Índia tinha-se início um movimento cultural alternativo que buscava a exploração da psique humana e o contato com a natureza através de filosofias espirituais, uso de substâncias psicoativas e a música eletrônica experimental psicodélica; assim nascia o *Goa trance* que mais tarde viria a se tornar o *psytrance*, predominante nas pistas das festas *raves* em todo o mundo (FRANCO, 2016)

É perceptível o avanço dessa modalidade de festas em todo o Brasil, com relato das primeiras na década de 1990 nas praias baianas de Trancoso e Arraial d'Ajuda, espalhando-se, em seguida, para os grandes centros na Região Sudeste, assim como para regiões mais remotas como Alto do Paraíso (Goiás) e Serra da Mesa (Maranhão), por exemplo (ABREU, 2005; COUTINHO, 2008).

Centrados em um estilo musical eletrônico que estimula a dança e os estados alterados de consciência, (NASCIMENTO, 2006) nestes ambientes festivos e de expressões culturais, um público juvenil é parte indispensável do contexto - os *Trancers* (adeptos do *trance* psicodélico) - que buscam novos valores e fuga do cotidiano das cidades, nos locais isolados onde são realizadas as festas. Elas podem perdurar toda a noite e manhã, ou até se estender por dias em caso de festivais.

Neste espaço é comum o consumo recreativo de drogas lícitas e ilícitas por parte dos participantes, pela capacidade que tais Substâncias Psicoativas (SPA) têm de potencializar a experiência sensorial que o ambiente e a música de dança oferecem, além de proporcionar resistência física (CALADO, 2006).

Tendo em vista as consequências do uso abusivo de drogas, que por vezes sofrem adulterações, e o ritmo de dança que se mantém durante toda a festa (desgaste físico), diversos danos podem vir a acontecer ao usuário.

É importante frisar a possibilidade de o usuário enfrentar uma *badtrip* ou crise psicodélica, que se trata de uma experiência perturbadora associada ao uso de SPA, geralmente alucinógenos. Esta experiência, apesar de muito subjetiva é comumente relatada como sendo análoga a sintomas de pânico, algo desconfortável, desesperador, tenso, desagradável, agonizante, incômodo e que gera apreensão, o que pode resultar em sequelas ou traumas ao usuário (DANTAS; CABRAL; MORAES, 2014).

Para situações como essas, além de outras referentes ao uso de drogas em *raves*, a redução de danos (RD) consiste em uma proposta salutar. Trata-se de uma ferramenta que começou a ser implementada em contexto festivo já em 1969 no festival de *Woodstock Music & Art Fair* em Nova Iorque (1969) pelo *The Hog Farm*; em 1972 no *Rainbow Gathering* pelos *CALM Volunteers*; e o *White Bird*, para citar alguns (OAK et al., 2015).

No entanto, apenas em 2006 as políticas de RD começam a ser introduzidas na cena de música eletrônica no Brasil, através do Coletivo Balance de Redução de Riscos e Danos, na cidade de Salvador, inicialmente concebido como parte de um projeto da tese de doutorado de Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, a ser defendida por Marcelo Andrade Magalhães (GUIMARÃES; MACRAE; ALVES, 2012).

Os principais focos da redução de danos nos espaços da *rave* se dão pelo esclarecimento sobre as substâncias mais comuns, seus efeitos no corpo e colaterais, através de: cartilhas e conversas contendo informações necessárias e ajuda para eventuais *badtrips*; escuta qualificada para compreender o indivíduo e a situação em que se encontra; orientação sobre os riscos relacionados ao uso e abuso das SPA; disseminação do uso consciente das substâncias; distribuição de *kits* para substâncias inalatórias e camisinhas (prevenção de hepatite B e C, doenças sexualmente transmissíveis); dentre outras.

Entretanto, em alguns estados do Nordeste como no Rio Grande do Norte, essas ações são tímidas ou inexistentes, sempre de iniciativa privada

dos promotores dos eventos e se limitam ao momento da festa. Frequentemente não há propostas contínuas que amparem o usuário para além do momento festivo, nem ao menos uma legislação, política ou ações de RD contempladas nos planos estadual e municipais potiguares. Estas propostas poderiam favorecer a criação de coletivos organizados e políticas sociais para proteção das vidas dos usuários de drogas nas *raves*.

Tendo em vista a crescente quantidade das festas *raves* e participantes na cidade de Mossoró e a não efetivação de políticas públicas que assistam às pessoas que frequentam estas festas, questiona-se: como se dá o processo de execução de ações de redução de danos nas *raves*?

Vale ressaltar que as *raves* são aqui percebidas como espaços de união de povos plurais que passam a dividir uma ideologia comum, e por ser um cenário conhecido do uso de drogas, é também um espaço de pensar/fazer saúde, sendo necessário que tais ações sejam implementadas com intersectorialidade, ancorada no respeito aos direitos humanos, com envolvimento dos trabalhadores e gestores locais, coletivos organizados e usuários.0020

Foi a partir de vivências particulares dentro das *raves*, do convívio com os participantes dessas festas e a inserção no meio acadêmico, especificamente no curso de Enfermagem, que se detectou uma demanda em nível regional de um grupo de risco cada vez mais populosa e a identificação da redução de danos como ferramenta potencial de atenção ao grupo.

A existência de pouca produção científica sobre o assunto e a pobreza de experiências dessa espécie no Brasil, causam dificuldades na hora de elaborar ações para a prática festiva e no cotidiano. Assim, esse trabalho pode vir a ser disparador da atenção voltada à prática de redução de danos em um ambiente conhecido de uso de drogas.

Essas práticas devem basear-se nos direitos humanos, que considera a liberdade de escolha do usuário e as consequências envolvidas nestas escolhas. Diante disso, a redução de danos propõe a realização de ações educativas que estimulem o autocuidado e o uso consciente das substâncias, visando diminuir os riscos e os danos causados por esses novos perfis de drogas e usuários

Levando em consideração esse contexto e problemática, o presente trabalho tem como objetivo geral: analisar o processo de implementação das ações de redução danos aos usuários de drogas lícitas e ilícitas em festas *raves*. Para alcançá-los, propõe os seguintes objetivos específicos: construir aporte teórico que embase as ações de redução de danos a serem implementadas na festa *rave*; planejar as ações de redução de danos aos usuários de drogas participantes da festa; implementar as ações na festa *rave*; avaliar o processo de implementação das ações junto ao coletivo de redução de danos.

Esta pesquisa pretende despertar reflexões sobre novas formas de abordar a problemática do uso de drogas, contribuindo com um produto social, através do aperfeiçoamento do trabalho de um coletivo de RD que atua nas festas da região, e um produto acadêmico por meio desta monografia de conclusão de curso, e os artigos que serão gerados a partir dela; contribuindo assim na realidade imediata na comunidade e em uma realidade a longo prazo, por meio científico.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 TIPO DE ESTUDO**

Com a pretensão de tratar da crescente necessidade de condutas que visem à redução de danos em festas *raves*, encontrou-se na pesquisa-ação uma metodologia adequada para tratar a situação, por ser um tipo de investigação social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e participantes da situação estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo, visando uma transformação da realidade através do planejamento e implementação dessas ações (THIOLLENT, 2008).

Esta pesquisa toma uma abordagem qualitativa, pois tentou responder questões particulares que se encontram no universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças e dos valores que permeiam o

planejamento, a implementação e a avaliação das ações de RD no cenário de uso de SPA em estudo (festa *rave*) (MINAYO, 2006).

## 2.2 CENÁRIO DO ESTUDO

O cenário da implementação das ações de redução de danos em si, aconteceu durante a *Ecodreams Nova Descoberta*, produzida pela AMP (*Alter Music Project*), nos dias 22 e 23 de setembro de 2018.

A AMP é responsável por importantes festas na cena da música eletrônica mossaoroense, como a *Ecodreams*, que tem suas edições anuais desde 2013 regularmente durante o mês de novembro, produzindo, desde então, 15 eventos dentre festas e festivais.

Os momentos em que se desenvolveram as etapas da pesquisa, ocorreram durante reuniões realizadas pelo coletivo redutor de danos *Noosfera*, quando foram discutidas: ações baseadas em experiências anteriores e referencial teórico previamente compilado; o planejamento das intervenções; a execução em si; a avaliação das ações e seus resultados.

## 2.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os atores participantes do estudo foram os voluntários do coletivo *Noosfera*, responsável pelas ações de RD nas festas *raves* em Mossoró. Tal coletivo é formado por 14 colaboradores, sendo 9 homens e 5 mulheres, com idade média de 25 anos

O *Noosfera* trata-se de um coletivo sem fins lucrativos e de participação totalmente voluntária, o que influencia diretamente nas ações desprendidas do paradigma proibicionista dominante e vinculadas as formas alternativas de cuidado, como propõe a redução de danos.

Esses colaboradores, além de voluntários no coletivo, atuam na sociedade como nutricionista, técnica de enfermagem, jardineiro; acadêmicos de

enfermagem, administração, psicologia e engenharia; desempenham ainda funções como massoterapeutas, *reikianos* e DJ (*Disc Jockey*).

É importante deixar claro que os colaboradores são redutores de danos, estão na cena *raver* há mais de cinco anos, trazendo além de vivências nesse ambiente, experiências com outros coletivos mais antigos nas capitais do Rio Grande do Norte (RN) e Ceará (CE). Portanto, a pesquisa levou em consideração, na escolha de qual grupo se aproximar para construção de ações de RD, o fato de o Noosfera apresentar atividades realizadas regionalmente exitosas.

## 2.4 PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Previamente à execução de ações em si, foi feita uma análise situacional que ocorreu por meio de aproximação com os coletivos já atuantes nas festas *rave* regionais. O momento serviu para identificação do problema no contexto das práticas atuais em RD e reconhecimento/aproximação com os participantes e envolvidos nas ações realizadas.

Foi o momento, também, de apresentação dos documentos que asseguram a pesquisa: TCLE, carta de anuência, Termo de Gravação de Áudio e aval do Comitê de Ética e Pesquisa. Para sensibilização do grupo, foi apresentada a proposta de pesquisa e seus objetivos; a metodologia e os momentos de produção de dados; os benefícios e riscos foram reiterados; foi elucidada a atuação do pesquisador como observador participante, facilitador do processo de construção das ações, mediador das discussões e captador das informações relevantes aos objetivos do estudo.

Após a identificação do problema, as devidas apresentações e assinaturas de termos exigidos para a pesquisa com seres humanos, a pesquisa iniciou a execução, para fins de cumprimento do propósito do método proposto, ou seja, de facilitar o planejamento, monitorar e avaliar a construção das ações de RD, objetivando uma mudança adequada na prática vigente (TRIPP, 2005)



A produção de dados foi dividida em momentos organizativos das ações de RD, nos quais foram utilizadas técnicas de captação das falas durante o processo de embasamento teórico, planejamento e avaliação das ações. As interlocuções foram registradas por gravadores que geraram áudio em mp3 e foram transcritas na íntegra. As transcrições foram impressas e arquivadas no acervo do estudo, salvas em formato Word e PDF, em computador pessoal.

Inicialmente, foram captadas dos participantes do grupo as sugestões de referencial teórico – de preferência ainda não lido pela maioria do grupo – para tornar a pesquisa mais coletiva e participativa possível sem modificar a estrutura basilar do estudo.

No segundo momento realizou-se leitura e discussão do referencial teórico anteriormente proposto, que embasou as ações de redução de danos, e cuidados ao usuário em crise psicodélica ou *badtrip* que é um importante pilar desse coletivo.

O terceiro momento teve cunho de planejamento do cronograma e das ações que foram realizadas durante a festa, assim como a designação de tarefas para cada voluntário. Estes três primeiros momentos se trataram de reuniões preparativas e organizativas do coletivo Noosfera.

O quarto momento, de implementação das ações em si transcorreu durante a festa *rave* Ecodreams edição Nova Descoberta, no Hotel Villa Oeste durante os dias 22 e 23 de setembro.

No quinto e último momento houve a avaliação das ações construídas previamente, e implementadas durante a festa pelos redutores e voluntários que participaram da mesma. A partir do trabalho empreendido nas reuniões e apontamentos feitos pelos próprios voluntários, foram discutidas potencialidades e entraves encontradas durante todo o processo da pesquisa, do planejamento e das ações durante a festa. Nessa reunião todos os participantes estiveram presentes, pois se tratou de momento chave para a pesquisa e coletivo.

Para a captação dos dados produzidos durante e a realização das ações e das reuniões, utilizou-se da técnica de observação participante, pois esta ferramenta permite a inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos,

buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação (QUEIROZ et al. 2007).

Perante a necessidade de uma ferramenta para registrar as observações realizadas - do delineamento inicial ao término do estudo - bem como as reflexões sobre o conteúdo das falas (ARAÚJO *et al.*, 2013), fez-se indispensável a construção de um diário de campo.

As transcrições dos áudios provenientes das reuniões organizativas, somadas às impressões advindas da observação participante, compuseram o diário de campo, que conteve as anotações de situações e eventos mais relevantes à análise dos dados da pesquisa.

A partir das transcrições das falas na preparação da intervenção, planejamento das ações e avaliação do processo de implementação das ações, e tomando o diário de campo produzido das observações durante estas reuniões, após suscetíveis leituras procedeu-se com a análise dos dados a partir de três dimensões: ontológica, epistemológica e metodológica.

A dimensão ontológica diz respeito ao conhecimento norteador que permitiu ao coletivo produzir um saber condutor de melhor compreensão do fenômeno da Redução de Danos e dos condicionantes das ações nas *raves*. Nessa etapa analítica, foram apresentados os materiais textuais elencados para o grupo, como ocorreu a escolha dos mesmos, as dificuldades e impressões do grupo sobre o referencial teórico e os impactos no saber dos interlocutores (KOERICH, 2009).

A dimensão epistemológica elucida a intersubjetividade da dialética do coletivo e foi o momento de intervenção por parte do pesquisador, para facilitar o processo de construção das ações de redução de danos na *rave*, considerando a historicidade do fenômeno, das contradições, da práxis, da veiculação teoria e prática. Os dados produzidos nessa dimensão dizem respeito ao planejamento das ações em si e foram descritos com interface à teoria apresentada (KOERICH, 2009).

A dimensão metodológica exige a articulação entre as duas dimensões anteriores e os dados produzidos foram analisados a partir dessa interface, levando em consideração a metodologia de implementação da ação, a

descrição do momento em si e a avaliação do processo construído das ações (KOERICH, 2009).

Em cada dimensão, foram observados os pontos chaves das discussões de cada momento; elencadas categorias e subcategorias analíticas e separadas em tópicos. O processo foi descrito, problematizado à guisa de autores referenciais na temática; as categorias receberam observações, reflexões, apontamentos e críticas, intentando uma compreensão mais abrangente de cada tema abordado.

## 2.5 ASPECTOS ÉTICOS

O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CEP/UERN), sob a égide das resoluções de nº 466/2012 e nº 510/2016, que consideram o respeito pela dignidade humana e a devida proteção aos participantes da pesquisa científica, foi aprovada e recebeu o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 90113318.3.0000.5294.

### 3. DIMENSÃO ONTOLÓGICA: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NORTEADOR DA AÇÃO

Para que fossem planejadas ações de RD, na festa *rave*, consistentes e embasadas em conhecimento crítico-construído, foi solicitado aos participantes que pesquisassem conteúdos pertinentes para ajudar na compilação do referencial teórico a ser discutido no segundo momento. Entretanto, os membros não propuseram material, relatando a escassez de escritos em português e menos ainda produzido aqui no Brasil.

“As referências eram tudo de fora mesmo, por que não tinha realmente estudo dessa área aqui no Brasil” (Redutor IV).

Sendo assim foi proposto pelo pesquisador, a leitura prévia do manual de treinamento do Projeto Zendo (EUA), traduzido pelo Coletivo ResPire (SP), que se trata de material utilizado pelo coletivo Zendo para o treinamento de novos membros que se oferecem a ajudar durante grandes festivais como o *Burning Man* (EUA). Além dele foi proposta também a leitura de um estudo de caso traduzido pelo pesquisador participante, que se encontra no *Manual of Psychedelic Support* (OAK et al., 2017). Este é um guia prático de como estabelecer e facilitar serviços de cuidado em festivais de música e outros eventos, produzido pela *Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies* (MAPS), que reúne diversos colaboradores experientes em redução de danos de todo o mundo. Todavia, é necessário colocar o reconhecimento sócio científico dos manuais, por terem sido escritos por grandes núcleos de Redução de danos internacionais.

Na perspectiva de realizar o cuidado proposto pelas ações do coletivo, foram examinados e discutidos os princípios básicos de Redução de Danos, o *Set* e o *Settings*<sup>1</sup> e como eles podem ajudar a diminuir drasticamente as

---

<sup>1</sup> Os conceitos de *set* e *setting* são tratados por N. E. Zinberg após vinte anos de estudos em seu livro *Drug, Set and Setting: The Basis of Controlled Intoxicant Use*; e reforçados por Leary, Metzner e Alper (1994). *Set* se refere a droga utilizada (dose, duração pureza), o estado psíquico e emocional da pessoa que a toma (intenções ao tomar, experiências anteriores com

ocorrências de *badtrip*, se os usuários forem informados e conscientizados acerca destes conceitos (BIEBRMAN, 2014; FADIMAN, 2011; OAK et al., 2017)

Visto que o manual da Zendo procura capacitar os voluntários a acolherem e acompanharem os casos de experiências difíceis causadas por psicodélicos, este foi outro foco da discussão teórica durante a reunião, por ser também um dos pilares basilares do coletivo.

A escassa produção científica deste tipo de material dificulta ainda mais a qualificação do coletivo, visto que nem toda produção é publicada. O que se escreve ou fica dentro das bibliotecas das universidades, ou é material produzido pelos coletivos, elaborado de forma lúdica para o uso interno e não são publicados devido a rigidez e moldes acadêmicos pré-determinados dos periódicos. As poucas publicações são, geralmente, em língua inglesa e de diferentes realidades como Reino Unido, Holanda, EUA e Portugal.

Corroborando com a assertiva acima, Dantas, Cabral, Morais (2014) em uma revisão bibliográfica sobre *badtrip* constata a pouca disponibilidade de estudos principalmente em língua portuguesa após uma vasta pesquisa bibliográfica:

“No Brasil, há relatos acerca dessa experiência em blogs; entretanto, não foram encontrados registros de publicações científicas sobre o tema. Tal lacuna em relação ao marco referencial, somada à necessidade de melhor entender as possíveis causas, sensações, percepções e consequências da *badtrip*, acentuou a motivação para a realização da pesquisa, dotando-a de relevância social e acadêmica.”

Somada à escassez de material, existe a equivocada concepção que associa a redução de danos e o incentivo ao uso de drogas, devido principalmente ao tabu social dessa discussão, como expresso na continuidade da fala do Redutor IV.

“(…) a gente tinha até conversado quando a gente começou a montar o grupo de redução de danos aqui em Mossoró, a gente tinha esse [problema], é meio que trabalhar na marginalidade, né assim, de certa forma, a gente tinha meio ainda que esse medo, porque no começo

---

a droga); Já o *Setting* trata do ambiente e contexto onde ocorre o consumo: local, iluminação, som, pessoas com quem está, familiaridade, segurança.

tinha muito disso, tipo: vixe, botar um grupo de redução de danos é apologia a drogas dentro da festa (...)" (Redutor IV).

"Tinha muito essa conversa [RD ser apologia ao uso]. E aí meu irmão, pra galgar, pra gente transformar onde já tá, boy, quando essa pesquisa...graças a Deus tá dando tudo certo sim, quando ela der certo, os resultados dela vão gerar muito mais engajamento na área tá ligado, vai ser mais fácil a gente chegar na prefeitura, ou então outras pessoas terem a sensibilidade de querer fazer." (Redutor IV).

Sobre a transformação das concepções e práticas, em consonância com Reis (2018) quando indica que faz-se necessário desconstruir a associação errônea entre redução de danos e apologia ao uso de drogas para multiplicação dessas políticas, o Redutor IV aponta para a concretização da RD e comprovação da efetividade dessas ações no contexto atual, por meio de pesquisas científicas como esta, (re)criando uma interface para o diálogo com determinados tabus pré-estabelecidos pela sociedade, bem como para ampliação da pauta de cuidados aos usuários de drogas em festas às instâncias gestoras.

Todavia, as construções acadêmicas em torno da temática elucidam a RD enquanto ferramenta de cuidado dos usuários e traz relevância a ações de base anti-proibicionista.

De acordo com a Associação Internacional de Redução de Danos, a RD se trata de um conjunto de políticas e práticas cujo objetivo é reduzir os danos e riscos associados ao uso de drogas psicoativas. Por definição, redução de danos foca na prevenção aos danos, ao invés da prevenção do uso de drogas, bem como foca suas práticas em pessoas que seguem usando drogas. Complementa ainda, outras medidas que visam diminuir o consumo de drogas como um todo. É baseada na compreensão de que muitas pessoas em diversos lugares do mundo seguem usando drogas apesar dos esforços empreendidos para prevenir o início ou o uso contínuo do consumo de drogas, buscando nessa nova abordagem diminuir os danos a sociedade e a saúde dos usuários. (INTERNATIONAL HARM REDUCTION ASSOCIATION BRIEFING, 2010).

A RD consiste, portanto em viés que faz contraponto às diretrizes proibicionistas, pelo fato de terem estas mostrado sua precariedade desde a década de 80 no Brasil:

“Foi a partir da segunda metade da década de 80 que, no Brasil, rompeu-se o hiato criado entre segurança e a saúde pública no que se refere ao uso e ao abuso de drogas. A partir da constatação da falência da estratégia de guerra às drogas, ante o aumento da variedade e do uso e a precocidade do consumo de drogas, o Estado brasileiro, apoiado pelos movimentos sociais em prol dos direitos humanos, criou políticas públicas direcionadas a pessoas que usam drogas, principalmente aquelas ilícitas...” (MACHADO; BOARINI, 2013, p.584)

Durante um debate clínico-político realizado através do primeiro seminário sobre psicodélicos no Rio de Janeiro, Rodrigues e Beserra (2015) problematizam as falhas do proibicionismo categoricamente, discussões essas que vão em consonância com o achado desta pesquisa:

Demonizar e proibir não diminui o consumo; ao contrário, apenas estigmatiza comerciantes, pesquisadores e usuários, além de estimular modalidades mais danosas de uso. [...] Com efeito, os maiores riscos e danos no consumo de psicodélicos vinculam-se diretamente a um efeito daninho da política proibicionista de Guerra às Drogas: drogas que não são o que parecem ser. Legalização e regulamentação são condições essenciais para obtermos mais informação e controle.

Com base nos gastos aos cofres públicos propiciados pelas ações ancoradas na metodologia da guerra as drogas, do proibicionismo e da internação compulsória/legalizada, bem como a não resolubilidade dessas questões até o presente momento por essas políticas, levando também em consideração os danos causados à sociedade periférica, a Redução de Danos se mostra como uma nova abordagem a essa problemática histórica, que com o foco no usuário busca a promoção e prevenção a saúde destes, se mostrando como uma prática menos danosa e custosa a sociedade, assim como mais resolutiva quando se trata do uso abusivo de drogas.

Apesar da existência de políticas de RD no Brasil, é necessário seu alargamento e efetividade, para que regulamentem e orientem as ações em todo o país, pois embora existam inúmeras experiências locais e programas governamentais, as fragilidades das políticas públicas são evidentes, como mostra Machado e Boarini (2013):

“Em grande parte dos projetos, as ações se concentram na distribuição de insumos de prevenção, sem explorar temas que legitimaram a consolidação da redução de danos como a estratégia de saúde pública, como o resgate da cidadania e a promoção dos direitos humanos.”

Portanto, as portarias do Ministério da Saúde que normatizam as políticas de saúde mental, álcool e outras drogas não estruturam as políticas de RD; as publicações são basicamente propositivas ou descritivas, raramente contemplando o monitoramento e a avaliação de projetos e programas efetivamente implementados (INGLEZ-DIAS et al., 2014), de modo que haja, por parte das políticas públicas, a ampliação das práticas de RD para outros cenários de uso de drogas, como as festas *rave*.

A abordagem da RD encontra-se em processo construtivo e leva em consideração os saberes e desejos dos sujeitos envolvidos, inclusive dos profissionais e coletivos executores das ações. Tanto que a etapa de construção de conhecimentos da presente pesquisa-ação foi utilizado o manual Zendo como norte dos estudos teóricos, mas foram as experiências enquanto redutores e *trancers* que encorparam as discussões. As experiências dos interlocutores afloraram ainda mais quando a discussão foi baseada em um estudo de caso proposto pelo pesquisador participante, retirado do MAPS (2017) (ANEXO A), para através dele, dialogar de forma mais prática, sobre os assuntos abordados nas discussões e refletir a respeito da realidade do Noosfera diante deste estudo de caso.

À luz da leitura desses materiais e fundamentado nas experiências passadas do coletivo, foram alçadas algumas questões visando a melhoria no acolhimento ao usuário, a partir de diferentes abordagens a serem ofertadas na RD, com uma proposta inicial de alteração do nome do local onde o grupo se instala na *rave*, de Redução de Danos para Espaço de Cuidado. O termo foi extraído e traduzido do material teórico do MAPS (2017) no intuito de imprimir leveza ao nome do local das ações de RD.

“Muito legal (...); não é RD, não é aquela coisa assim: estou com dano, vou pra lá. Não! É um espaço de cuidado. Se você precisar descansar, precisar de uma água... gostei disso aí [de chamar de Espaço de Cuidado e não Redução de Danos].” (Redutor VII).



Destarte, o material compilado se mostrou necessário não somente enquanto aporte teórico para a discussão da ferramenta RD, mas como suporte para transformação e aperfeiçoamento da prática preexistente do coletivo, uma vez que ampliou o olhar do propósito das ações, para além de reduzir danos, até o foco no cuidado. A terminologia escolhida imprime leveza ao local, tornando-o mais atrativo e retirando o termo “danos” de uma estrutura e prática existente no ambiente vinculado à alegria e festividade.

#### **4. DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA: PLANEJAMENTO DAS AÇÕES DE REDUÇÃO DE DANOS EM FESTAS RAVE**

Após o processo de leitura e discussão de material teórico, ocorreu o planejamento das ações e cronograma para a Ecodreams Nova Descoberta. O cronograma foi organizado de acordo com a ordem de apresentação ou *line up* dos *DJ* no palco principal, já que os *headlines*, isto é, as atrações mais conhecidas e aguardadas, que ditam o ritmo da festa. De acordo com o número de voluntários que se dispuseram a trabalhar nas 20 horas de festa e nos horários dos *DJ*, os horários de atendimento foram resolvidos em 4 grupos de 3 pessoas, divididos em turnos de três horas e meia, totalizando 14 horas de ação, semelhante a uma escala.

Algumas atividades de cuidado, além do clássico atendimento de *SOS badtrip*<sup>2</sup>, foram planejadas para à Ecodreams: saúde e bem-estar (massoterapia), atividades lúdicas (pintura corporal, pintura de mandalas) e a distribuição dos itens *sniff kit* (mel, sal, seda, camisinha, canudo para aspiração de substâncias em pó e um texto informativo).

“Tipo, acho muito bom a ideia de deixar só os itens separados pra galera pegar e, tipo, montar na hora ou montar alguns e atribuir a

---

<sup>2</sup> Como o coletivo realiza suas ações de *SOS badtrip* são explicadas no capítulo seguinte, na dimensão metodológica, onde se realizaram as ações.

algumas atividades. Faz um questionário com uma pessoa assim, e aí no final entrega um *sniff kit* tá ligado” (Redutor IV).

Sobre a atividade de entrega dos *sniff kit*, a fala anterior evidenciou a preocupação de um dos Redutores de atrelar essa atividade a uma conversa ou questionário. Dessa forma, foi produzido um questionário simples (APÊNDICE B) sobre a frequência e participação em festas *rave*; a importância da redução de danos dentro desse tipo de evento; se já foi atendido ou se teve algum amigo atendido por essas ações. O intuito do instrumento, segundo os interlocutores da pesquisa, seria promover diálogo e reflexão nos usuários e fomentar as discussões do último momento de avaliação, baseando-se nos dados obtidos dos usuários que receberam os cuidados nas festas.

O *SOS badtrip* é atividade primordial de um coletivo em festas *rave* devido à grande ocorrência de usuários que passam por uma experiência psicodélica difícil por SPA. Constitui-se geralmente de um acompanhamento de escuta compassiva, buscando acalmar e trazer o usuário ao momento presente; o redutor deve servir como uma âncora, com uma postura calma e paciente, promovendo segurança e conforto (ZENDO, 2015).

Foram distribuídos os itens que compõem o *sniff kit*, o kit leva esse nome, pois busca principalmente diminuir o risco de contágio de doenças transmissíveis, DST e hepatites virais, pelo compartilhamento de canudos (para inalação de substâncias em pó); de camisinhas; mel e sal, além de um folder informativo, porém nessa edição optamos por entregar os itens separadamente, atrelando a entrega de mel e camisinhas a uma conversa visando despertar a reflexão quanto à necessidade das ações de RD.

Outra questão relevante levantada pelo Redutor XIII foi sobre a testagem das Substâncias Psicoativas utilizadas nas festas *rave*, através dos reagentes colorimétricos Mandelin, Marquis e Ehrlich, da NOBAD, que o coletivo possui.

“A questão do teste é o seguinte: tá rolando certas substâncias muito ruins em Mossoró [...]. Eu digo o seguinte, porque também tem drogas que não se sabem tanto os malefícios disso, e a pessoa que é

a primeira vez [que está usando], tá entendendo? Temer de *bike*<sup>3</sup>[...]: de que quintal isso veio?” (Redutor XIII)

“Qual material usou [para fabricação], né?” (Redutor II)

A preocupação foi elucidada diante da larga escala de drogas adulteradas ou análogas presentes dos cenários de uso e a associação com episódios de danos mais severos aos seus usuários. É sabido que existe, atualmente, a facilidade de produção das drogas ilícitas sem garantias de matéria-prima e processo de fabricação de qualidade; a venda no mercado não legalizado e informal como substâncias puras; e a ausência de maiores estudos sobre seus efeitos no corpo devido a proscrição destas substâncias, restringindo a pesquisa (RODRIGUES, BESERRA, 2015; TOGNI et al., 2014). Tudo isso são fatores que demonstram a pertinência da testagem de substâncias dentro do ambiente de festivo, já que os usuários (em especial os de “primeira viagem” ou *trip*), geralmente não conhecem as diferenças nem os efeitos das substâncias puras, adulteradas ou análogas, acabam se prejudicando e se tornando mais um caso de atendimento do coletivo redutor.

No decorrer do processo de planejamento, foi elencado um aspecto que tem preocupado o coletivo não só nesse evento, mas em outros, se trata das dificuldades encontradas na efetivação das ações de redução de danos.

“Aquele canto que foi [montada a estrutura] a RD na Ecodreams [passada] foi ruim viu” (Redutor X).

“Por que se a gente chegar na festa e tiver as condições iguais a Ecodreams passada vai comprometer muito o trabalho, boy... A gente chegou lá, simplesmente os caras [da organização da festa] olharam assim pra gente [e disseram]: ome olhe aí, fiquem a vontade. Pô, a vontade, como assim, tá ligado?” (Redutor I)

---

<sup>3</sup> Temer de *bike* é o nome dado a substância psicoativa, NBOMe que é análoga ao LSD. Herdou o nome “Temer” do presidente do país na época da pesquisa; e “*bike*” devido a historia da descoberta do LSD por Albert Hofmann.

De acordo com Oak (2017) no *Manual of Psychedelic Support*, o Espaço de Cuidado necessita ser um local acolhedor e confortável, com sombra, distante do som e seguro. No entanto, o coletivo Noosfera não consegue eleger esse local nas *raves*, pois fica a critério das produtoras de festas tal definição. Sendo assim, os locais de montagem da estrutura da RD nem sempre são satisfatório para o que se pretende executar ou incrementar enquanto atividade nova de cuidado.

“Boy, é sério! Tem que deixar bem claro: faltando certas coisas o trabalho fica inviabilizado; não tem como a gente fazer nada. Não vamos, tipo, trabalhar como a gente tem e fazer como na outra festa, só com atendimentos, porque fica uma coisa bem tapa buraco, tá ligado, fica uma coisa bem mal feita.” (Redutor I).

“Ainda mais quando você coloca toda responsabilidade de atendimento de saúde em uma equipe que não essa obrigação tá ligado.” (Redutor IV).

Além da carência de apoio expresso pelos membros do coletivo, alguns organizadores de festas, na intenção de reduzir custos, não contratam equipe de primeiro socorros e ambulância, o que tem ficado sob a responsabilidade dos coletivos de RD, quando existente na *rave*. Apesar das muitas responsabilidades que cabem aos redutores de danos do coletivo, essa não é uma delas, pois em todos possuem o preparo e o suporte necessário para esses atendimentos de urgência. O ideal seria a existência de um bloco médico especializado em primeiros socorros, com material e suporte estrutural, à exemplo da Zendo Project. Essa realidade foge da alçada do Noosfera, pois o coletivo não possui a especialização para trabalhar nesses casos devido a não capacitação e nem dispõe de material para realização destes atendimentos. Assim, é indispensável o apoio de órgãos públicos e das produtoras para uma maior e mais completa assistência ao público.

Vários municípios como São Paulo, Uberlândia (MG) e Santa Maria (RS) que possuem editais para a contratação da a classe de trabalhadores de agentes de redução de danos, que são concursados/selecionados e capacitados para tais ações. Devido à fragilidade das políticas no município de Mossoró-RN, o trabalho de RD fica sob a responsabilidade da equipe do Consultório de Rua ou de coletivos ilhados, sem apoio governamental e pouco

suporte das produtoras de festas particulares. Esses fatores, acabam enfraquecendo a visibilidade do impacto exitoso dessas práticas onde elas existem, colocando-as em segundo plano e deixando a maior parte do país desassistida.

Graças à falta de empenho do Estado em viabilizar as políticas públicas de RD, coletivos e voluntariados, percebendo a necessidade, tomam para si a responsabilidade em suprir essa demanda diante da crescente demanda por cuidado em cenários de uso de drogas.

Todavia, em consequência do caráter voluntário e a falta de fundos para o funcionamento, as atividades dessas entidades filantrópicas acabam sendo prejudicadas devido à dificuldade em planejar e executar as ações. O coletivo Noosfera, apesar de receber financiamento dos produtores de festas *rave* para realizar ações pontuais, encontra grandes obstáculos na capacitação de seus voluntários, empobrecendo a fase de planejamento das atividades. Faz-se imprescindível o olhar mais atento do poder público para a RD em Mossoró, uma vez que é uma cidade de fortes traços culturais e festivos e que apresenta, nos novos cenários dessa cultura, o movimento *trancer* advindo e demandando ações de RD.

No decorrer da etapa de planejamento, ficou explícito a insuficiência de tempo destinado ao planejamento das ações de RD, já que restavam muitas demandas para resolver com os produtores; outros itens a serem comprados, preparados e organizados (plaquinhas de sinalização e o *sniff kit*). A respeito disso, os Redutores II e IV procuram saídas para as próximas ações:

“Era bom até a gente pensar nas próximas [ações] assim, ver isso aí tá ligado, chegar junto do produtor e ver assim, tá agilizando, porque antes da festa é sempre assim.” (Redutor II).

“Sabe o que eu estava pensando, em ter uma pessoa da [produtora] festa na reunião, ele tá aqui, escutando a discussão.” (Redutor V).

No dia da Ecodreams, o coletivo se reuniu mais uma vez momentos antes da festa para resolver as últimas pendências com os produtores e organizar o espaço destinado a RD.

Para o enfermeiro, o planejamento é uma das primeiras funções administrativas, por meio do qual são formulados projetos, estabelecidos objetivos e prioridades, a fim de otimizar o serviço de enfermagem e proporcionar assistência de qualidade (SIMÕES et al., 2008). Pode ser entendido como um método de se pensar ações, de organizar, de alcançar resultados e de efetivar metas estabelecidas (LANZONI et al., 2009), devido a importância desse momento em toda e qualquer ação à ser realizada, é de suma importância a necessidade de ter objetivos orientadores, ações de acordo com esses objetivos, voluntários capacitados para realizar estas ações e a disponibilidade de materiais e ferramentas que viabilizem as atividades.

Para um planejamento adequado à ação do coletivo Noosfera, é essencial a presença de todos os voluntários, opinando e discutindo a melhor forma de se realizar as ações, de acordo com as ferramentas e possibilidades em mãos, objetivando uma ação satisfatória e bem preparada dos redutores.

No entanto, um dos obstáculos que o coletivo tem encontrado, se trata da participação dos voluntários nas reuniões organizativas, em especial as de caráter de planejamento, devido às diversas atividades que eles possuem em suas vidas pessoais, acarretando em um alto índice de evasão no coletivo, pois este fica em segundo plano nas prioridades dos voluntários. Além da dificuldade de capacitar os redutores, devido escasso apoio do Estado, restando aos próprios membros dos coletivos se capacitarem por conta mesmo apesar de todas as dificuldades.

## **5. DIMENSÃO METODOLÓGICA: *TÁ NA HORA DA FESTA!* EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO DAS AÇÕES PLANEJADAS**

Chegado o dia e a hora combinados de iniciar as ações, os voluntários presentes se dirigiram ao local para arrumar o espaço de acolhimento, contando com a ajuda de alguns simpatizantes do grupo

No decorrer dos turnos, todos os voluntários foram pontuais e cumpriram seus horários, e a maioria permaneceu no Espaço de Cuidado para ajudar e interagir nos turnos que não necessariamente precisariam estar. As atividades

lúdicas, de saúde e bem-estar, que foram programadas para essa edição, e a entrega de itens do *sniff kit* atrelado a uma conversa/questionário fora se dando de forma espontânea, quando havia tempo e de acordo com a demanda. Apesar de ter sido pouca a procura por parte dos usuários, em consequência da não divulgação de nossas atividades no evento da festa, todas as elas tiveram alguma adesão.

Com relação aos atendimentos de *SOS badtrip*, foram realizados seis atendimentos. Durante o horário entre 5h e 12h houve um aumento na procura destes cuidados, e as 15h o fluxo de casos de *badtrip* diminuiu.

O primeiro foi acompanhado pelo Redutor IV; o usuário chegou vomitando e relatando distúrbios visuais causados por um “papel”<sup>4</sup> (NBOMe). Após melhora, continuou no espaço realizando pinturas e interagindo com o grupo por algumas horas.

O segundo caso, mais complexo, foi trazida pelos produtores e seguranças da festa. A usuária encontrava-se agitada, desorientada e recebeu atendimento de enfermagem e cuidados dos Redutores I, III e IV. Após uma hora, a usuária começou a apresentar sinais de melhora, foi ajudada na higiene e troca de roupas, alimentou-se de frutas e mel (ofertadas no Espaço) e decidiu por conta própria ir para sua residência. Chegando a casa, entrou em contato com os voluntários do Noosfera.

O terceiro usuário atendido fez uso da mesma substância contida em um “papel”, chamado de Ganesha; ficou aos cuidados dos Redutores XI e X; não apresentava problemas mais sérios; estava consciente; ficou no Espaço de Cuidado durante quase toda a festa interagindo com os redutores e usuários ali presentes.

---

<sup>4</sup> A nomenclatura popular “papel” vem da sua própria aparência, por se tratar de um papel absorvente que serve como um frasco receptor da substância líquida, geralmente vendida como LSD (Ácido Lisérgico Dietilamida) puro. Porém, devido ao mercado ilegal e informal, existem uma vasta gama de substâncias análogas e adulterantes extremamente nocivas, que não se tem conhecimento científico sobre seus efeitos, como as moléculas das séries: NBOMe, NBOH, DOx, dentre outros.

Nesses três casos, dois estavam tendo o primeiro contato com SPA sintéticas também conhecidas como “drogas de desenho”, e sofreram danos provocados pela mesma substância contida em um “papel”, que mais tarde foi comprovada através do teste colorimétrico por ser uma adulteração do LSD, o NBOMe.

O quarto participante da festa se encontrava dormindo no chão perto de uma árvore próximo ao palco principal, foi levado pelo Redutor XI e seu amigo para o Espaço de Cuidado, promovendo um ambiente mais confortável para o descanso do usuário. Havia ingerido bebidas alcoólicas; tomou mel e descansou na cadeira por 40 minutos.

Na quinta ocorrência, a usuária chegou trazida por amigos, aparentemente enfraquecida (hipoativa). Foi atendida pela enfermeira que, com a ajuda dos amigos, constatou desidratação. A usuária relatou episódio de febre no dia anterior, não ter se alimentado satisfatoriamente e ter ingerido bebidas alcoólicas. Ficou em repouso por alguns minutos, respirando profundamente, ingeriu sais de reidratação oral e 30 minutos depois expressou melhora e decidiu retornar para a pista de dança.

Alguns outros usuários (dois) procuraram o Noosfera para descansar no Espaço, dormindo durante horas; outros dois foram em busca de serem escutados e “desabafar”. Às 15:00h os atendimentos diminuíram espontaneamente o que abriu espaço para outras atividades. Às 17:30, todos os Redutores com exceção do II e VII ajudaram a desmontar o espaço, dando fim às ações, mas ainda assim ficar no *main floor* (palco principal) atentos a mais casos que porventura ocorressem, como combinado no momento de planejamento. No entanto, durante a transição do Espaço de Cuidado para a pista, aconteceu mais um caso que foi acolhido pelos redutores IX e VIII, que acompanharam o caso por 40 minutos e utilizaram dos sais de reidratação para o atendimento. Após isso nenhum caso mais foi encontrado e teve fim os atendimentos e a observação.

Durante a Ecodreams o coletivo conseguiu realizar todas as atividades propostas nos momentos anteriores, utilizando de ferramentas de redução de danos, saúde e bem-estar e atividades lúdicas.



Contudo, a atividade de testagem de substâncias por reagentes colorimétricos não foi realizada, devido ao medo a repressão policial, pois o mesmo coletivo já foi vítima dessas ações em uma de suas atividades em um festival em outro estado do nordeste do Brasil:

“A gente foi pra uma festa lá [cidade do nordeste] e a festa teve uma operação da civil, e se a gente tivesse com o teste ali na hora? Bem fácil o policial algemar.” (Redutor IV).

“Como por exemplo estava o Redutor V, eu, redutora II e o VIII, tivemos essa experiência, e os cara botando quente em cima da gente (...) pra saber onde estava a coisa que nem existia, só porque viu o papel sobre, imagine se tivesse, porque ele viu um papel e caiu em cima, e nem era um órgão totalmente assim, tipo ah, pequeno; é uma polícia especializada.” (Redutor XIII).

Apesar da experiência acima ter ocorrido em 2017, a portaria nº 1.028, de 1º de Julho de 2005 que regulamenta as ações de redução de danos, mais especificamente nos artigos:

“Art. 4º Estabelecer que as ações de informação, educação e aconselhamento tenham por objetivo o estímulo à adoção de comportamentos mais seguros no consumo de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência, e nas práticas sexuais de seus consumidores e parceiros sexuais.

§ 1º São conteúdos necessários das ações de informação, educação e aconselhamento:

I - informações sobre os possíveis riscos e danos relacionados ao consumo de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência;

III - orientação sobre prevenção e conduta em caso de intoxicação aguda (“overdose”);”

“Art. 9º Estabelecer que as ações de redução de danos devem ser desenvolvidas em consonância com a promoção dos direitos humanos, tendo especialmente em conta o respeito à diversidade dos usuários ou dependentes de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência.”

A testagem das drogas dá ao usuário a possibilidade de saber se a substância que ele tem em mãos é pura ou adulterada, pois no mercado

informal essa informação não é confiável, já que para burlar o sistema de proibição são desenvolvidas novas Substâncias Psicoativas com o objetivo de mimetizar o efeito das SPA tornadas ilícitas, com fins de escapar a proibição (RODRIGUES et al., 2017). Ademais, o usuário após a testagem nunca sai sem aconselhamentos dos redutores já que este, ao procurar tais ações, está aberto à ajuda.

Diferente dos fármacos prescritos, que são vendidos em drogarias, o processo de produção de SPA no mercado ilícito não passa por controles de qualidade rigorosos, é feito em laboratórios clandestinos e sem padronização no que diz respeito à dosagem, composição e pureza. Esses produtores exploram a não regulação e a ausência de controle sanitário quando, por exemplo, adicionam adulterantes para reduzir seu custo de produção (MARTINS; VALENTE; PIRES, 2015, *apud* RODRIGUES et al., 2017)

Toda essa controvérsia aqui tratada, reforça o descompasso entre as políticas saúde e segurança pública no quesito drogas no Brasil:

“O descompasso do surgimento das políticas públicas sobre drogas nos campos da segurança e da saúde pública reflete o debate histórico a respeito do tema no País, que oscilou entre esses dois âmbitos, o da segurança e o da saúde pública, carregando sinais das políticas proibicionistas pautados até o presente momento, no ideal de abstinência e na ideologia norte-americana de *guerra às drogas*” (MACHADO; BOARINI, 2013).

Ao ser comprovada a adulteração de uma droga por meio da testagem, esta informação pode ser disseminada em toda a festa, diminuindo os riscos e os danos de outros usuários desavisados. A afirmativa pode ser comprovada pela experiência da Ecodreams, uma vez que durante as ações do Noosfera, três usuários atendidos pelo *SOS badtrip* foram vítimas do NBOMe. O NBOMe<sup>5</sup> é uma droga análoga ao LSD, que circula no mercado negro como sendo o ácido após a sua proibição e que possui alto risco a vida (RODRIGUES; BESERRA, 2015). O fato reforça duplamente a necessidade de ações de

---

<sup>5</sup> Seguem referências com relatos de fatalidade ao uso de NBOMe: [https://www.erowid.org/chemicals/nbome/nbome\\_death.shtml](https://www.erowid.org/chemicals/nbome/nbome_death.shtml)

redução de danos em festas, uma vez que se esses usuários estivessem sem acompanhamento, os riscos de complicações decorrentes do uso seriam amplamente aumentados.

Foi conversado também durante o último momento, sobre a perspectiva contributiva da pesquisa-ação; verificou-se que um momento muito importante se processou durante as leituras e discussões sobre os textos e o estudo de caso na segunda reunião.

“Eu acho que deu pra tirar muito aprendizado assim, principalmente para pessoas leigas. Eu não conhecia muita coisa que você passou, tá ligado, aquele negócio do Zendo, aquele manual lá eu não conhecia. Isso somou pra mim, foi um aprendizado que eu tive e com certeza vai me ajudar a atender as pessoas melhor.” (Redutor XI).

“Muito abrangente até na forma acadêmica de colocar né, como descrever, como dialogar e passar [o conhecimento] também; essas coisas agregaram também. Não sei se as duas horas [do segundo momento da pesquisa] foram suficientes, mas eu acho que cada vez mais a gente vai saber usar mais as duas horas, porque a gente sempre vai aprendendo cada vez mais, não só na forma de operar, mas também a forma de aprender, e com o passado e como colocar algumas coisas em pratica né?” (Redutor IV).

Abordou-se mais uma vez como é difícil achar material sobre esse assunto, o que dificulta não só o trabalho e as ações, mas como isso implica em uma concepção equivocada das pessoas sobre Redução de Danos. Ademais, levantaram o potencial de criação de um material próprio do Noosfera a fim de construir conhecimento científico para ajudar a comunidade *trancer*, com uma espécie de estudos de caso, dentro da realidade vivida frequentemente pelo Noosfera.

“[...] Uma pesquisa, uma criação de conhecimento específico que ainda não existe, e tipo, existem várias situações individuais dentro de uma festa, dentro de uma situação de redução de danos que a gente pode isolar e estudar como um caso e ver, tipo, o que acontece com aquela pessoa naquela situação. Tem muita coisa *boy*, é infinito o que a gente pode fazer em construção de conhecimento nessa área, e é muito carente, a gente sabe disso.” (Redutor I).

“Principalmente relacionado à nossa área, a nossa área social, trazer esses manuais assim às vezes, traz de outras áreas de atuação e quando a gente traz pra o nosso contexto, nosso contexto socio-

histórico a gente pode adaptar, de acordo com a realidade que a gente tem socialmente aqui, né. Enfim, mudanças inclusive no tipo de droga que vai abordar, [...] o clima daqui é diferente, o clima daqui é muito quente e isso modifica muito como as drogas agem, enfim, e tipo assim na prática a gente vai adequando a teoria na realidade aqui.” (Redutor II).

Apesar de tais entraves, foi com a ajuda do material da Zendo (EUA), traduzido pelo coletivo ResPire (SP) que um dos momentos mais importantes para o Noosfera foi possível, visto que durante a avaliação do processo da pesquisa, na última reunião, os membros do coletivo ratificaram a importância da discussão teórica. Este foi tão essencial para a transformação da prática do coletivo, que se observou a necessidade de mais capacitações não só voltadas para o SOS badtrip, como para outras atividades do coletivo, como massagem, Reiki, Pintura, como mostra a fala da Redutora III:

“Mais do que nunca a gente percebe o quanto é necessário, diante das situações que vem aparecendo, a gente sabe que sempre vão ter casos novos surgindo por que tem aquela galera que tá entrando nova, e não tem conhecimento, e aí a nossa responsabilidade a partir do momento que a gente se torna voluntário nisso é tomar pra gente, a necessidade de sempre estar se aperfeiçoando como todo e qualquer profissional de qualquer área. Então acho que a necessidade de outros momentos de capacitação não só na parte teórica com certeza, mas muito da prática também, a questão da massoterapia, essas outras atividades que a gente pode fazer, essas outras capacitações entre nós, facilita o nosso trabalho porque não fica dependente que uma pessoa vá atuar uma pessoa vá fazer isso, não, todo mundo se co-responsabiliza de certa forma.” (Redutora III).

Devido à necessidade de importar conteúdo científico sobre redução de danos para realizar ações e dada às inúmeras diferenças entre a realidade brasileira e a europeia, por exemplo, reforça-se a necessidade de reflexão de novas formas de reduzir danos e verificá-las por métodos científicos, para criar o arcabouço e instigar mudanças no paradigma proibicionista vigente. Além disso, o grupo julgou relevante a disseminação das informações sobre o uso de drogas, de modo sistematizado, condizente com o contexto local, lúdico e antecipado e a partir de conhecimentos construídos coletivamente.

“[...] Nessa Ecodreams eu vi muito que, o problema que a RD teve trabalho, foi lidar com pessoas que não tinham acesso a informação. As pessoas que passaram mal, as pessoas que precisaram do atendimento de redução de danos, não foi por que sabia e fechou os olhos, foi porque não tinham noção de nada: quantidade, dosagem, não tinha noção do que era. Então eu acho que assim, é um fato que a gente pode tirar ne, a questão de informação; tentar trabalhar mais a disseminar a informação por que vai ser o maior redutor de danos.” (Redutor IV).

“Uma coisa que eu tô sentindo falta, foi da questão de alimentar a rede social com algumas coisas antes da festa. Percebi muita falta disso e eu acho que o quanto antes a gente deveria começar a providenciar mesmo o nosso material, impresso mesmo, as cartilhas, entendeu!?” (Redutor III).

A partir da reflexão e avaliação que a pesquisa proporcionou, os Redutores observaram que o coletivo está deixando a desejar no compartilhamento dessas informações, e do caráter essencial que essas têm na promoção, prevenção e autocuidado em que ela resulta.

Foi percebido pelos redutores nesta ação em específico, a necessidade da disseminação de informações sobre as drogas, métodos de autocuidado, redução e prevenção de riscos e danos, viabilizando empoderamento dos usuários, proporcionando redução de ocorrências de *bad trip*. Para melhorar tal limitação, foram discutidas formas de como transmitir essas informações, por meio de redes sociais, cartilhas, banners, material impresso e rodas de conversas durante a festa, no evento da festa, rodas de conversa e palestras.

“É isso acaba sendo com muita importância [disseminação de informação] por quê tem um caráter preventivo, não só remediativo como muitas vezes a RD ela acaba sendo, agindo no mal que já estar instaurado. Não a gente tem que ter também um caráter preventivo, de prevenir que esses danos aconteçam de forma mais séria, e justamente através da informação, a brindo a consciência da galera.” (Redutor II).

“Na verdade, a gente tem que sair um pouco da caixinha, por que a gente tá muito centrado no que? Festa *rave*, festa *rave*, festa *rave*; querendo ou não é o ambiente que a gente mais atua, mas como a nossa função é, assim, como a questão da rede social tem a função também de trabalhar nessa prevenção na informação então a gente pode agir de forma mais abrangente.” (Redutor III)

O aumento desses tipos de festas, graças ao acréscimo de participantes, atrelado aos novos tipos de substâncias e o consumo delas nos mais variados tipos de ambientes para além das festas *rave*, torna essa disseminação de informações sobre as drogas e práticas de redução de danos ainda mais necessária, não somente nas *raves*, mas em outros cenários de uso de drogas como carnavais, shows de pagode, forró, etc. (GUIMARÃES; MACRAE; ALVES, 2012).

A valorização do Espaço de Cuidado foi citado várias vezes durante a reunião, ponto este percebido pelos redutores desde o momento da implementação das ações.

“Acho que outro ponto também que é muito importante, é que a gente deve preparar mais o ambiente do Noosfera nas festas, com umas plaquinhas mais bem colocadas, um espaço bem demarcado.” (Redutor XI).

“Na verdade, a gente precisa é sentar e conversar sobre a questão de materiais que a gente utiliza, né, para que a gente possa fazer cotinhas entre a gente e adquirir os materiais próprios da redução de danos.” (Redutor III).

“[...] Hoje a gente tá levando nosso material que a gente tem de casa, tapete canga, almofada para a gente levar pra festa, mas a gente pode também ver opções, algum projeto pra a gente viabilizar compras de alguns produtos que iriam dar mais conformo ao público.” (Redutor VIII).

Vários pontos foram citados na reunião avaliativa no que se diz respeito a fragilidade do coletivo no tocante à materiais: tanto os que promovem conforto ao Espaço de Cuidado, quanto os materiais informativos como banners, cartilhas, placas de identificação. Como o material informativo já se encontra produzido a maior dificuldade encontrada é na questão financeira para produção e impressão da cartilha; essas barreiras também são enfrentadas por coletivos mais experientes a exemplo do coletivo Lotus (RS) como demonstra Reis (2018) quando cita as dificuldades encontradas, no SOS *badtrip* e sobre o material para atendimento e informativo, mostrando que os coletivos sofrem com questões parecidas.

Para a resolução desses entraves, foram levantadas possibilidades alternativas de arrecadar fundos para a obtenção desse material como: rifas, venda de produtos como camisetas, colares e doações.

Apesar das dificuldades a serem enfrentadas, é notado pelos voluntários através de suas próprias observações durante a festa e a história do coletivo, a evolução dos voluntários como redutores, por estarem suprindo a necessidade das festas, tendo a capacidade de atender todos os necessitados com qualidade.

“Eu acho que nenhuma situação, fugiu assim entre aspas do nosso controle, sempre a gente conseguiu, só realmente naqueles casos quando o surto ele tá né, realmente no auge, a gente sabe que vai ter momentos que a gente...” (Redutor III).

“Teve uma situação que estava fugindo do controle e quando a gente chegou ajudou, foi massa.” (Redutor I).

Como conclusão, na última reunião e momento de avaliação do processo de implementação das ações, os voluntários apesar das dificuldades encontradas, avaliam as atividades da pesquisa e das ações positivamente, diante da eficácia no atendimento aos usuários necessitados e dos diversos pontos observados, discutidos e avaliados durante todo o processo da pesquisa, trazendo novos horizontes ao grupo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa por meio da metodologia utilizada, conseguiu compreender melhor as questões que permeiam o planejamento e implementação das ações de RD em festas *rave*, e assim, proporcionou ao coletivo melhorias na sua forma de atuar por meio das discussões promovidas pela leitura do material proposto e a avaliação das ações; elucidou em quais pontos o coletivo apresentou lacunas em suas atividades; e quais atividades extrapolam sua capacidade de resolução por não possuir nem o apoio nem a capacitação necessária.

Através da compreensão adquirida, busca alternativas viáveis para superar tais entraves, ajudando a aperfeiçoar as ações do coletivo e a esclarecer questões limitantes, bem como alerta para a necessidade de engajamento da gestão pública nas ações de RD em Mossoró..

A pesquisa veio ainda a ser para o coletivo, um disparador da necessidade da produção de mais conteúdo sobre redução de danos, científico e não científico, que venham a encorpar as ações e fomentar a discussão científica buscando novas formas de reduzir danos.

Ainda, possibilitou através das discussões, enxergar a dualidade no que se diz respeito às políticas públicas, nas quais, apesar das práticas de Redução de Danos serem legitimadas por lei, ainda existe a discriminação considerando-as erroneamente como incentivo ao uso de drogas, inclusive por órgãos de segurança pública que deveriam ter um entendimento mais apurado do assunto. Esta questão explicita o grande entrave que ainda é enfrentado no Brasil a cerca dessa temática.

Para tal, busca-se através do método científico a comprovação da eficácia dessas atividades dentro e fora de eventos festivos, de modo a evidenciar um novo paradigma de atenção ao uso de drogas. Contudo, o abandono com o qual o Estado trata essas políticas, apesar da resolubilidade delas, acarreta por tornar a vida dos coletivos e redutores mais complicadas,



graças a carência de programas e o não acompanhamento e avaliação dos poucos existentes.

A temática das drogas se torna ainda mais preocupante quando é posto em cena a produção de novas substâncias psicoativas, em resposta a proscricção das substâncias já conhecidas para burlar o sistema proibicionista. Se os estudos a respeito dos efeitos das drogas mais conhecidas como MDMA e LSD são escassos, as novas substâncias (como por exemplo o NBOMe), além de serem mais perigosas com complicações danosas à vida, já se disseminam sem nenhum tipo de estudo controlado, sendo o efeito destas descobertos no uso indiscriminado por usuários.

Para concluir, é fato de que em um país marcado historicamente pelo paradigma proibicionista, as dificuldades em implementar práticas de Redução de Danos são maiores, devido a divisão que permeia a discussão de políticas de drogas, entre segurança e saúde pública. Contudo, o exemplo da própria história mostra o fracasso da guerra às drogas no Brasil e em todo o mundo. Apesar disso, grandes cifras ainda são designadas a medidas de segurança pública para repressão e seguem gerando um duplo gasto aos cofres públicos quando da falência do sistema, prioritariamente, repressor.

Devido à complexidade e a variedade que permeiam os casos dessa temática, é necessária uma visão mais expandida, articulada entre as searas da saúde, assistência social, educação e segurança, de modo a trabalharem juntos em um só plano municipal sobre drogas que contemplem o fortalecimento da rede assistencial aos usuários, mas que considere as ações de redução de danos também nos ambientes festivos, públicos ou privados.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Laura Filomena Santos de et al. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Cuiabá, v. 3, n. 15, p.53-61, jun. 2013.
- CALADO, V.G. **Drogas sintéticas**: mundos culturais, música trance e ciberespaço. Lisboa: Instituto da Droga e Toxicodependência, 2006.
- ABREU, C. C. **Raves: encontros e disputas**. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2005.
- COUTINHO, T. **O uso do corpo nos festivais de música eletrônica**. In: LABATE, B. et al. **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 411-432.
- GUIMARÃES, Marcelo Andrade; MACRAE, Edward; ALVES, Wagner Coutinho. Coletivo Balance de redução de riscos e danos: Ações globais em festas e festivais de música eletrônica no Brasil (2006–2010). In: NERY FILHO, A. et al (Org.). **As drogas na contemporaneidade**: perspectivas clínicas e culturais. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2012. p. 101-122. Disponível em: <<https://bit.ly/2Jbn9Ks>>. Acesso em: 26 nov. 2018
- NASCIMENTO, Ana Flávia Nogueira. **FESTIVAIS PSICODÉLICOS NA ERA PLANETÁRIA**. 2006. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, PUCSP, São Paulo, 2006.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 4, n. 15, p.679-684, out. 2006.
- DANTAS, S.; CABRAL, B.; MORAES, M. Sentidos produzidos a partir de experiências de bad trip: drogas, prevenção e redução de danos. **Saúde em Debate**, v. 38, n. 102, p.539-550, 2014.
- FRANCO, Renato Macedo Machaim. **A Cultura Global Psytrance e Aspectos da Cena Eletrônica de Brasília**. 2016. 90 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- KOERICH, Magda Santos et al. Magda Santos Koerich. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia-go, v. 11, n. 3, p.717-723, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a33.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- REIS, Karini. **Percepções de uma ação de Redução de Danos em rave no Rio Grande do Sul**. 2018. 26 f. Monografia - Curso de Psicologia, Universidade Lasalle, Canoas, 2018.

BIEBRMAN, L. **Session games people play: A manual for the use of LSD.** 2014. Disponível em: <<http://psychedelicfrontier.com/session-games-people-play-manual-lsd/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

Fadiman, James. **The psychedelic explorer's guide: safe, therapeutic, and sacred journeys.** Rochester, Vt: Park Street Press, 2011

OAK, Annie et al. **Manual of Psychedelic Support.** 2. ed. Santa Cruz, California: Multidisciplinary Association For Psychedelic Studies, 2015. 385 p. Disponível em: <<http://psychsitter.com/download-manual/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

TOGNI, Loraine R. et al. The Variability of Ecstasy Tablets Composition in Brazil. **Journal Of Forensic Sciences**, [s.l.], v. 60, n. 1, p.147-151, 14 ago. 2014. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/1556-4029.12584>.

ZINBERG, Norman E.. **Drug, Set, and Setting The Basis for Controlled Intoxicant Use.** New Haven, Connecticut: Yale University Press, 1984. 159 p.

LEARY, T.; METZNER, R.; ALPERT; R. **The psychedelic experience: a manual based on the Tibetan Book of the Dead** (1964). Nova York: Citadell, 1992

INGLEZ-DIAS, Aline et al. Políticas de redução de danos no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.147-158, jan. 2014. FapUNIFESP (SciELO).

LANZONI, Gabriela Marcellino de Melo et al. Planejamento em enfermagem e saúde: Uma revisão integrativa da literatura. **Revista de Enfermagem Uerj**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p.430-435, jul. 2009.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento.** 9º ed. Ampliada e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem Uerj**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 15, p.276-283, abr. 2007.

SIMÕES, Ana Lúcia de Assis et al. Planejamento: ferramenta do enfermeiro para a otimização dos serviços de enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, Uberaba, v. 11, n. 4, p.402-406, 1 abr. 2008

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2008.

RODRIGUES, Sandro Eduardo et al. REDUÇÃO DE DANOS E SUBSTÂNCIAS PSICODÉLICAS: construindo ações e debates. **Platô: Drogas e Políticas**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.39-70, set. 2017.

MARTINS, Daniel; VALENTE, Helena; PIRES, Cristiana. CHECK!NG: A última fronteira para a Redução de Riscos em contextos festivos. **Saúde e Sociedade**, [s.l.], v. 24, n. 2, p.646-660, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO)..

RODRIGUES, Sandro Eduardo; BESERRA, Fernando Rocha. Drogas pesadas em discussão no Primeiro Seminário sobre Psicodélicos do Rio de Janeiro. **Argumentum**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.108-125, 29 jun. 2015. Argumentum.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p.443-466, set. 2005.

## APÊNDICE

APEÊNDICE A – Questionário de busca ativa à ser aplicado durante a ação.

### QUESTIONÁRIO DE BUSCA ATIVA

1. Você participa de *raves* a quanto tempo?

*(Aproveitar o tópico e conversar sobre quais raves elas foram, se nessas tinha RD se viu essa RD atuando...)*

2. Você conhece o trabalho de uma Redução de Danos?

a) Não    b) Sim.

Se sim, comente sobre:

*(Obs: lembrando que nós enquanto RD, além do SOS bad trip oferecemos serviços de saúde e bem-estar (massagem, alongamentos, terapias), material informativo e sniff kits.)*

3. Você ou alguém que estava com você, já utilizou dos serviços de alguma Redução de Danos? Quais?

4. De 1 à 10 o quanto você classifica a importância do trabalho de uma redução de danos em festas *rave*?

## ANEXO

ANNEXO A – Estudo de caso traduzido do Manual of Psychedelic Support v 2.0

### Estudo de caso

**Montanha russa de emoções: “From hell and back” (Manual Of Psychedelic Support 2017) pagina 219 a 226.**

OBSERVAÇÃO INICIAL: Qual foi a primeira condição que o convidado apresentou, quando veio a tenda de cuidado?

A convidada era uma mulher que estava na frente da entrada do espaço de cuidado, conversando normalmente com um dos cuidadores, e parecia primordialmente interessada na filosofia dos serviços de cuidados psicodélicos. Não demorou muito até ela expressar o que estava realmente fazendo lá, e em pouco tempo a conversa normal se tornou em sons inarticulados (linguagem sem nexos) e depois em gritos aleatórios, choro e uma montanha russa de emoções. Parecia que ela estava entrando e saindo de um estranho padrão de pensamentos, em que esses se apresentavam como loopings de desespero dos quais ela não conseguia escapar.

QUESTÃO CHAVE: No curso da prestação de cuidados, o que acabou sendo a **condição central ou desafio** que teve de ser tratado?

A condição central que teve de ser tratada foi a condição psicológica da convidada. Essa mostrou que não tinha nenhuma capacidade de distinguir seus pensamentos da realidade. Seus pensamentos podem ser descritos como sendo de uma pessoa que está experienciando um sonho muito difícil. Ela experimentou partes de sua infância, esqueceu sua identidade, identificou outras pessoas erroneamente, e perto do fim se expressava usando ideias religiosas. O desafio principal para o cuidador, se tratou de se manter calmo e focado. Focado, por causa da fadiga que já tinha se consolidado nos dias anteriores; calmo por causa da situação que demandava muito trabalho, tanto psicologicamente como emocionalmente.

**PSICOATIVOS ENVOLVIDOS:** Quais substâncias (se tiver) relevantes ao incidente que o convidado tomou?

O convidado tinha tomado 100 microgramas de LSD em blottler.

**CUIDADO MÉDICO:** Existiu alguma necessidade de intervenção médica (ou seja, algum tratamento além da interação com o voluntário do serviço de cuidado)?

Apesar de não ter precisado de intervenção médica, o convidado teve de ser levado a um local restrito que tinha sido preparado especialmente para casos que poderiam perturbar qualquer um dos outros convidados presentes na área do espaço principal de atendimento.

**TEMPO DE CUIDADO:** Quanto tempo o convidado passou no serviço de cuidado?

O convidado chegou no início da noite e saiu no dia seguinte

**RESULTADO FINAL:** Qual foi a condição do convidado no momento da alta do serviço de atendimento?

Após passar a noite inteira no espaço de cuidado, quando a convidada acordou, estava totalmente bem, apesar de estar abalada por causa do passeio psicológico que enfrentou por horas seguidas. Essa foi uma experiência que mudou ela e ela estava grata a todos que a ajudaram durante o curso da noite anterior.

**PONTOS NOTÁVEIS/ LISSÕES APRENDIDAS:** O que foi feito certo, e o que pode ser melhorado ou feito diferente? Existe algum outro ponto notável nesse caso?

Uma das maiores conquistas foi que um grupo de pessoas que antes não se conheciam conseguia trabalhar como uma equipe sólida em tão pouco tempo. O cuidador sentiu que teve uma rede de apoio durante toda a intervenção deste episódio. Talvez em certas circunstâncias seria uma boa ideia que os

cuidadores se vestissem de roupas diferentes; dessa forma nossos papéis seriam muito mais visíveis para as pessoas.

### IMPRESSÕES:

Quando eu escutei de um projeto que estava acontecendo de um serviço de cuidado psicodélico, eu imediatamente quis participar; acontece que isso me ofereceu uma chance única de fazer parte de algo mágico. Nesse relatório eu conto a história mais impressionante que eu auxiliei durante o meu tempo como voluntário. Da minha perspectiva essa história contém muitos elementos que são importantes para esse tipo de trabalho: Foi extremamente intenso, demorou muito tempo, e não seguiu o “tempo de trabalho” oficial. Ficou claro como não devemos esperar nada menos do que o inesperado quando trabalhamos em um serviço de cuidado psicodélico.

Nessa noite em particular eu não tinha um expediente no serviço de cuidado. Eu estava simplesmente aproveitando meu dia de folga, dando uma volta e assistindo o sol se por. Eventualmente eu acabei ajudando um amigo humano até as quatro da manhã! Eu estava bem casando dos dias anteriores. Meus planos eram ver o pôr do sol e então cair na cama, mas alguma coisa me ocorreu, e antes que eu desse conta uma história aconteceu que parecia até surreal em certos pontos. Quando o sol se pôs, uma jovem mulher (vou chamá-la de Eva), veio sentar perto de mim e meu amigo. No início não parecia nada de mais, bem normal, apenas uma pessoa interessada em saber o que nos estávamos fazendo. Isso sempre acontecia na porta de entrada do serviço de cuidado, e nós sempre deixávamos uma pessoa lá para explicar a essas pessoas o que nós estávamos fazendo e por que eles não poderiam entrar em nossas instalações.

A conversa que acontecia era principalmente sobre o evento e como nós estávamos experienciando, o que tínhamos gostado e o que não tínhamos gostado. Após quinze minutos de conversa ficou claro que Eva tinha tomado um “papel”, aproximadamente uma hora antes. É estranho ver como sob certas circunstâncias as pessoas falam livremente sobre seu uso de drogas. É mais



interessante ainda nota como uma experiência compartilhada de uso de drogas parece transcender qualquer diferença cultural que de outra forma poderia ser um possível obstáculo para fazer uma conexão. Acho que posso dizer que os efeitos das drogas não é um tabu em algumas culturas.

Pela foto do blotter que era um de Albert Hofmann na sua bicicleta. Eu imediatamente pensei, “bem, esse deve ser de no máximo uns 100mcg, então deve ser uma dose baixa”. EU não poderia estar mais incorreto. Mesmo que fosse uma dose baixa, desencadeou uma experiência de grande escala.

Em um determinado momento Eve perguntou meu nome, o que acabou parecendo um pouco com o nome de seu ex-namorado. Nossa conversa aconteceu em Inglês, apesar de não ser uma de suas línguas nativas. Ela me disse que também estava trabalhando no evento. Ela já tinha tido algumas experiências com substâncias psicodélicas, apensar desse “setting”(ambiente) - estar entre centenas de estranhos em um local não familiar - era novo para ela. Ela começou falando que sentiu como se tivesse que ir para o serviço de cuidado, que alguma coisa estava chamando-a para lá como se lá existisse algum “tipo de portal”. Eu reagi sorrindo, e não dizendo nada, algumas vezes balançado a cabeça para mostrar a ela que eu estava escutando. Eu estava apenas deixando-a com os pensamentos que ela estava brincando, e definitivamente pude perceber como LSD estava começando a fazer efeito.

Pouco tempo depois a conversa normal se tornou em sons inarticulados, e não muito tempo depois gritos aleatórios, choro, e uma montanha russa de emoções. Eva foi da alegria histeria a quase maniacamente triste; riso e choro seguiam-se um ao outro como se fossem lados de uma moeda sendo lançada. Rapidamente percebi que ela precisava de ajuda. Ela começou a chamar uma pessoa a qual o nome parecia com o meu, e começou a balbuciar um pouco como se estivesse chamando sua mãe. Logo ela começou a misturar inglês e sua língua nativa. Parecia que ela estava entrando e saindo de estranhos padrões de pensamento, e que esses pensamentos eram loops de desespero do qual não existia saída aparente.

Eva estava em um padrão mental totalmente desorientada, e uma das coisas que você podia notar isso era a maneira a qual ela usava sua voz. Ela ia de sussurros a gritos sem qualquer gatilho discernível, ou pelo menos nada visível para nós. Eu pude ver em seus olhos que ela estava vendo alguma coisa completamente diferente da maioria das pessoas lá. Você poderia ver que ela estava focando em lugares onde não existia nada lá para ser visto. Até quando ela estava falando comigo as vezes, eu pude perceber que ela estava focando sua visão um pouco a cima dos meus olhos em vez de olhar para eles. Para mim isso era um claro sinal de que “Eva não está mais em casa...”. Era como se alguém tivesse apertando um botão nela, e quando esse botão estava apertado Eva desaparecia, e era substituída pelo o que aparecia ser somente padrões de pensamentos automáticos.

Algumas pessoas que também estavam próximas a entrada fizeram uma coisa que eu nunca vou esquecer, e isso deve ser prevenido sempre. Nós tínhamos outros convidados dentro do espaço tentando voltar as suas experiencias, eu tentei convencer Eva a manter a voz baixa. Ela as vezes reagia e as vezes continuava a dar alguns gritos. Como resultado, algumas pessoas que estavam sentadas próximo a nós, começaram a fazer comentários sobre isso diretamente para Eva. Não precisa nem dizer que ela não entendeu nada, e como resultado ficou ainda mais confusa. Aparentemente essas pessoas que não era da nossa equipe, não estavam entendendo o que estava acontecendo, mesmo depois de mim e vários outros falarem para eles que a garota estava tendo uma experiencia difícil. Isso deve ser evitado de todas as maneiras. A verdade é que esses comentários feitos para Eva contribuíram para seu crescente estado de confusão e ela pegou todos esses comentários sugeridos para ela.

No estado que Eva estava, era impraticável leva-la para dentro do espaço onde outros convidados estavam dormindo, já que ela iria perturbar a paz lá dentro. Ao mesmo tempo, andar sozinho com ela não parecia uma solução, pois eu estaria sozinho e a situação se tornaria uma experiencia ainda mais difícil. Foi só algum tempo depois que eu percebi que essa decisão se tornaria muito sensata. Tornou-se cada vez mais difícil raciocinar com ela. Ela estava se

questionando o que ela fez de errado, por que as pessoas estavam reagindo daquela forma para ela. Para mim, era claro que ela estava entrando em um colapso psicológico total, então eu chamei outro cuidador para vir me ajudar e sentar próximo a ela caso acontecesse algo. Nesse momento, uma hora tinha se passado. Após esse tempo ela ainda estava saindo da sanidade, sendo uma linda criatura feliz num segundo e a e pessoa mais triste viva no outro.

Vou tentar dar uma descrição de como isso se traduz em comportamentos em Eva, contando suas palavras, descrevendo as expressões em seu rosto e as entonações vocais que andavam de mão dadas com elas. Eva estava falando em duas diferentes línguas, pulando de uma para outra, falando em inglês e em sua língua mãe, uma língua a qual eu não entendera uma palavra. Só posso dizer que fiquei feliz quando uma pessoa que estava na vizinhança ajudou a traduzir parte do que ela estava falando. “eu preciso ligar para minha mãe; eu tenho que dizer a ela que está tudo bem. Eu posso ligar para mamãe, Jay?” (A pergunta era direcionada a mim, entretanto ela estava me confundindo com seu namorado o tempo todo) “Jay, onde esta você? Você está tão longe. Jay por favor me liga. Eu realmente tenho que ligar pra minha mãe, não é? Eu realmente tenho; Jay não me deixe, Jay... mas é muito tarde, talvez mamãe esteja dormindo. E se ela estiver dormindo? Eu devo ligar pra mamãe, Jay?”

A entonação da voz dela fazia tudo parecer ainda mais estranho. Ela sussurrava, e depois gritava, e sussurrava, e assim por diante; ela falava com uma voz aguda em seguida por uma voz baixa, as vezes trocando a entonação na mesma frase. Ela tirava seu telefone do bolso e depois colocava novamente, para depois tirar de novo um segundo após. Ela continuava repetindo as mesmas coisas, mas em ordens diferentes e com entonações diferentes. Tudo isso era acompanhado de uma serie de expressões faciais que pareciam ser de fora desse mundo. Sua face literalmente mudava em cada episodio que vinha a existência.

Eu decidi que a melhor coisa a se fazer, como sempre, é se manter contido em minha própria energia e calma, e tentar ser um pilar de segurança para Eva,

apenas estando presente, respirando calmamente e não se alarmando por nada.

Durante esse tempo Eva quis ir ao banheiro, então eu pedi para umas das amigas de trabalho ir com ela. Eu expliquei para elas a situação, o que Eva tinha tomado e quando, e sua condição atual. Eu também falei quando tempo eu estava cuidado dela. Isso me pareceu muito importante, pois você realmente começa a se sentir responsável por aquela pessoa assim que ela se abriga de baixo de suas asas.

Assim que eles saíram, eu senti um alívio temporário. Finalmente tive algum tempo para refletir o que tinha acabado de acontecer. DO início até esse ponto, quase duas horas tinham se passado. Deveria ser uma noite calma para mim – aproveitar o pôr do sol e as estrelas e então ir dormir- mas acabou se tornando em algo completamente diferente.

Nessas duas horas eu testemunhei e parcialmente senti as emoções e a energia que estava enfurecidamente dentro dela. Entretanto o objetivo é não se envolver emocionalmente e energeticamente, não é possível se separar completamente dessas coisas, um pouquinho sempre vai passar pelas barreiras que você tem. O que mais me ajudou durante todo esse tempo foi saber que eu tinha pessoas me ajudando, quando eu percebi que a esse ponto a jornada de Eva iria leva-la noite a dentro... Mas eu disse a mim mesmo, “ Ela esta bem agora, ela esta sendo cuidada”, e eu me sentia como se tivesse acabado de sair de um enorme parque de diversões, totalmente abalado e tentando me reorganizar. Durante esse momento de reflexão eu notei algo interessante: meu cansaço tinha desaparecido durante todo esse período. É fascinante perceber como a consciência influencia facilmente em nossas condições físicas. Assim que eu fui relaxando, o cansaço me alcançou com muita força e eu planejei ir dormir.

Eu estava me aterrando mais um pouco quando eu escutei um grito vindo da direção dos banheiros, e eu rapidamente percebi que era Eva; as meninas cuidadoras precisavam de alguma ajuda. Eva estava completamente perturbada e estava ficando bastante agressiva com as pessoas que estavam

tentando ajuda-la. Eu rapidamente me levantei, limpei a minha mente e corri para onde estavam os outros voluntários. Novamente eu estava incrédulo do quão rápido eu me ajustei a situação e revivi mais uma vez do meu cansaço, colocando novamente meu chamado “capacete de batalha psicológica”.

Quando eu cheguei lá, Eva estava espumando pela boca, e estava freneticamente tentando sair das garras dos voluntários. Eu entrei e tentei dominar Eva fisicamente, segurando um de seus braços, e conseguimos ficar um pouco mais em controle sobre seus movimentos físicos incontroláveis. É impressionante o quão forte uma pessoa consegue ser forte fisicamente nesses tipos de situações.

Para deixar claro, conter Eva só foi feito pois, nesse ponto, ela estava se machucando e machucando o pessoal em sua volta. Mais dois homens voluntários foram ajudar e com mais três voluntarias femininas nos levamos Eva pelo espaço de cuidado. Isso acabou sendo uma boa escolha, e finalmente colocamos Eva deitada no espaço.

Foi preciso quatro pessoas para segura-la, uma em cada perna e uma em cada braço. A força que ela tinha era inimaginável, parecia que a força de toda uma galáxia estava passando pelo seu corpo e dando força que não pareciam possíveis. Eva permaneceu nesse estranho surto - gritando, chutando, rindo e chorando - como se todas essas emoções pudessem se combinar em uma ao mesmo tempo.

É difícil descrever o quanto uma pessoa muda durante essas experiências, no que se diz respeito a aparência do rosto e linguagem corporal, como eu tive a chance de testemunhas com Eva. A jovem garota que estava sentada quietamente ao meu lado em um momento, estava chutando e cuspiendo uma hora depois, os olhos pulando e suas expressões faciais totalmente fora de proporção. Nos mantermos calmos era a única coisa que poderíamos fazer, especialmente para o bem dela.

Após acompanhá-la por mais uma hora, eu pedi para outra pessoa tomar a frente pois eu estava ficando muito cansado. Logo, eu estava aliviado do meu

dever e finalmente poderia ir dormir. Tive um bom descanso pois eu estava muito cansado. Após acordar a primeira coisa que fiz foi ir ao espaço de cuidado, por que estava querendo saber como Eva estava. Acontece que ela só voltou aos seus sentidos normais quatro horas depois que eu sai. E então eu escutei uma maravilhosa história dos meus amigos voluntários de como, no final, ela começou a dizer que era Shiva e que tudo era amor, e caindo no sono depois. Pela manhã ela estava totalmente bem, apesar de estar abalada por causa do passeio psicológico que enfrentou por horas seguidas, o que é esperado após uma experiencia dessa magnitude.

Eu nunca vou esquecer dessa noite. E apesar de não ter falado com Eva após isso, eu senti que tinha feito um belo trabalho. Eu fiquei totalmente surpreso quando pouco mais de meio ano depois eu abri a caixa de correios e tinha uma mensagem de Eva lá. Nessa carta, ela me contava como tinha sido a experiencia da perspectiva dela e como eu fui em grande ajuda mantendo-a em contato com a realidade, estando com ela e conversando com ela. Ela explicou como a experiencia tinha mudado ela e expressou a quão grata estava a todos que a ajudaram naquela noite.

Ela admitiu que nunca tinha ficado tão desorientada antes, esquecendo seu nome e até O QUE ela era, convencida que ela “tinha que descobrir; e que era tipo um jogo e que o serviço de cuidado era o lugar para receber as direções, como um kit inicial” e assim ela fez todas aquelas perguntas. Ela também compartilhou o fato em que ela “foi revertida para experiências de infância” e de alguma forma se convenceu de que “ainda tinha quatro anos”, acreditando que sua vida anterior até então tinha sido apenas um pesadelo e que a vida real estava nesse evento o dia todo, todos os dias! Sua experiência não soava louca do lado de fora, pois Eva estava enfrentando um quebra-cabeças estonteante como ela mesmo descreve:

“Eventualmente e desmaiei enquanto minha mente viajava na velocidade da luz e em um certo ponto eu comecei a contar do segundo ao milésimo de segundo ate o microssegundo ate o pico de segundo até o TEMPO

ZERO! E acreditava que era como despertador da criação, o ONG NAMO aquele que desperta primeiro e acorda antes que todos os outros e começa a organizar as coisas para a era vindoura”

A experiência foi uma lição para ela, e que fez ela perceber o quão “profundamente narcisista” ela era e como ela “ficou presa em algum estágio inicial de desenvolvimento de ideias grandiosas sobre o eu e ilusões de ser de importância vital para o mundo”.

O que é interessante sobre essa mensagem é que me dá um feedback no que Eva experienciou; porque, como eu disse antes, ela estava experimentando uma realidade diferente. E também mostra o grande grau de paranoia envolvido.

Para mim, como cuidador, a coisa mais difícil a se fazer pode ter sido manter a fé no resultado positivo dessa experiência. E de certa forma, eu tive que fazer isso por nós dois. Eu espero que essa história mostre claramente que é preciso esperar o inesperado quando se faz esse tipo de trabalho, e é preciso permanecer aterrado e no controle de si mesmo.